

## REALIDADE E LUTA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: EDUCAÇÃO POPULAR COMO ESCOLA VIVA!\*

## REALIDAD Y LUCHA EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA: LA EDUCACIÓN POPULAR COMO ESCUELA EN VIVO!

Discente: Yuri Andrews Feitoza da Silva\*\*  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Silva Alves\*\*\*

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como as ações de solidariedade realizadas no salão da Capela da Sagrada Família (CSF) (igreja localizada no bairro Sagrada Família e, que, desde o momento inicial da pandemia de covid-19 no início de 2020 nos cede o espaço para a organização das ações solidárias no município de Jaguarão/RS, se constituem, como espaços de construção coletiva da Educação Popular (EP), reconhecendo, assim, a mobilização e organização das classes populares como uma escola viva, aquela que se organiza nos fazeres cotidiano da luta e na compreensão de sua própria realidade. Este trabalho surge também, a partir dos meus anseios individuais e coletivos para recolocar esses lugares de luta e resistência popular como foco da EP a partir da luta diária e contínua pela sobrevivência, destacando ainda, todas as ações de solidariedade realizadas. Retratou-se também, neste estudo, uma breve contextualização da EP no Brasil. Como metodologia deste trabalho, optou-se pela utilização da linha de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de explorar e revisar sistematicamente o tema proposto para o estudo, dialogando com produções científicas que tecem relações com o trabalho. Para tanto nos fundamentamos em autores como Freire & Nogueira (2014), Streck & Esteban (2013), e outros. Resultados indicam que ações desenvolvidas na Capela da Sagrada Família de Jaguarão/RS, é um movimento de construção coletiva da Educação Popular que tem como fundamento a escola viva, que pulsa saberes e os coloca na condição de resistência da realidade atual e mostra outras formas de mudança na luta cotidiana.

**Palavras-chaves:** Ações de solidariedade; Construção coletiva; Educação Popular; Luta, Realidade e Escola viva.

### ABSTRACT

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo las acciones solidarias llevadas a cabo en el salón de la Capilla de la Sagrada Familia (CSF) (iglesia ubicada en el barrio de la Sagrada Familia y que, desde el inicio de la pandemia covid-19 a principios de 2020, nos da el espacio para la organización de acciones solidarias en el municipio de Jaguarão / RS, constituyen espacios para la construcción colectiva de la Educación Popular (EP), reconociendo así la movilización y organización de las clases populares como una escuela viva, que se organiza en la cotidianidad. acciones de lucha y comprensión de la propia realidad. Este trabajo surge también

\* Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa

\*\* Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa. E-mail: [yuriandrewsilva@gmail.com](mailto:yuriandrewsilva@gmail.com)

\*\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa, E-mail: [simonealves@unipampa.edu.br](mailto:simonealves@unipampa.edu.br)

de mis deseos individuales y colectivos de reemplazar estos lugares de lucha y resistencia popular como el foco de EP de la lucha diaria y continua por la supervivencia, destacando aún, todas las acciones solidarias. En este estudio, también se retrató una breve contextualización de la EF en Brasil. acción de la línea de investigación bibliográfica, con el objetivo de explorar y revisar sistemáticamente el tema propuesto para el estudio, dialogando con producciones científicas que tejen relaciones con el trabajo. Para ello, nos basamos en autores como Freire & Nogueira (2014), Streck & Esteban (2013), entre otros. Los resultados indican que las acciones desarrolladas en la Capilla Sagrada Familia de Jaguarão / RS, es un movimiento de construcción colectiva de Educación Popular basado en la escuela viva, que pulsa el conocimiento y lo coloca en la condición de resistencia de la realidad actual y muestra otras formas de cambio en la lucha diaria.

**Palavras-chave em língua estrangeira:** Acciones solidarias; Construcción colectiva; Educación Popular; Lucha, realidad y escuela viva..

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender como as ações de solidariedade praticadas no salão da Capela da Sagrada Família (CSF) do Município de Jaguarão/RS se constituem como espaços da Educação Popular (EP), reconhecendo a mobilização das classes populares como escola viva e, destacando, que ações de solidariedade são desenvolvidas na CSF como espaço da EP, analisando como essas ações se constituem através da construção social coletiva e reconhecer a organização das ações solidárias como movimento das classes populares na perspectiva da escola viva.

Neste sentido, Freire e Nogueira (2014, p. 33) afirmam, em um primeiro momento, a EP como “[...] esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica.”. O que nos sugere uma nova concepção de educação, a Educação Popular, forjada no interior das camadas populares e que, tem seu surgimento, a partir de suas próprias realidades.

Início esta justificativa com as minhas vivências individuais e coletivas no que se refere às minhas trajetórias e experiências em espaços de EP. Entendendo, deste modo, esse local, como processo de mobilização, organização e autoformação das classes populares como prática política de transformação social e construção social coletiva (ESTEBAN; STRECK, 2013). Anseios estes, que surgem, a partir da participação e organização do Cursinho Popular do Diretório Central dos Estudantes

(DCE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no município de Campinas, São Paulo, entre os anos de 2012 à 2014, enquanto estudante, e, anos mais tarde, num segundo momento, no primeiro semestre de 2019 tive a oportunidade de atuar, mesmo que de forma breve, da construção e organização social coletiva do Cursinho Popular Liberte-se também realizado na cidade de Campinas/SP, trabalhando as atividades de sociologia e filosofia e construindo espaços de formação para educadores/as sobre a Educação Popular.

A partir destas duas experiências supramencionadas e tendo como principal referência a leitura do livro “Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular” de Freire e Nogueira (2014) base fundamental deste trabalho, surge também, a necessidade de sinalizar a EP como ‘escola viva’, ou seja, como ferramenta de movimentação e amplificação das vozes das classes populares através das pejejas cotidianas, percorrida pela sua própria realidade, alertando sobre a falta de acesso à educação básica e superior, a falta de alimentação e de moradia, falta de espaços culturais, falta de saneamento básico, pouco ou nenhum acesso aos serviços básicos de saúde e outras demandas imediatas que afetam drasticamente a vida desses sujeitos dia após dia, principalmente em contexto de pandemia de covid-19, tendo em vista o aprofundamento catastrófico das condições de vida para as comunidades mais vulneráveis sócio-economicamente.

Destas necessidades, citadas acima, destaco o papel importante das camadas populares na compreensão de sua própria realidade e, partindo dela, colocar a luta, como centro do caminho possível para os obstáculos enfrentados no cotidiano da vida, como nos aponta Freire e Nogueira (2014, p. 37): “Eu luto porque tenho fome e vou à luta para buscar comida. Ou então, eu luto porque percebi que estou sendo explorado e há patrões que se beneficiam com minha exploração”. Ao considerarmos a Educação Popular como lugar de construção social coletiva (STRECK; ESTEBAN, 2013), ou seja, que se constitui através da prática política e pedagógica emancipadora como nos aponta Carrillo (2013, p. 15) ao enfatizar a EP como uma concepção educacional, sendo assim, ela carrega consigo os processos de ensino-aprendizagem que são inerentes a essa forma de organização da luta popular, que possui seus próprios métodos de se contrapor e resistir a realidade gerada e imposta, acontecendo em diferentes contextos e "múltiplos espaços educativos", em espaços escolares e não escolares, como afirma Carrillo (2013, p.

18): “[...] a educação popular é vista como uma concepção educativa, um movimento educativo e uma corrente pedagógica”. Sempre enfatizando a importância de colocar a prática política sob o mando da concepção pedagógica perceptível nas relações cotidianas do coletivo e na criação de seus próprios métodos de organizar a luta, neste sentido, para Sales (2006)

[...] as situações que se estabelecem no cotidiano entre pessoas entre pessoas e a natureza, mediadas por regras, símbolos e valores da cultura do grupo, têm sempre uma dimensão pedagógica [...] tudo o que é importante para a comunidade e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar (SALES, 2006, p. 10)

Daí, surge também, a importância de documentar as ações na/da CSF com o intuito de fazer emergir práticas cotidianas de resistência que estão relacionadas a melhoria das condições de vida das camadas populares e que possa ser instrumento de enfrentamento ao projeto político nefasto de segregação e exploração desses sujeitos, o que “[...] confere protagonismo e ativismo aos indivíduos e grupos sociais, transformam-nos de atores sociais, políticos e culturais em agentes conscientes de seu tempo, de sua história, de sua identidade, de seu papel como ser humano, político, social”, como sinaliza Carrillo (2013):

Estamos assistindo a uma nova efervescência de mobilizações, lutas, processos associativos e movimentos alternativos que, em diferentes escalas (mundial, como o dos indignados; continental, como as rebeliões nos países árabes; nacional, como os movimentos indígenas e estudantis universitários; local, como as múltiplas resistências em bairros e aldeias de camponeses; de pequenos coletivos e pessoas, com denúncias de múltiplas experiências de opressão e exclusão), estão recriando e inovando seus repertórios e protesto e os argumentos e sentidos a partir dos quais os justificam e orientam (mau governo, dignidade, bem viver, mandar obedecendo...) (CARRILLO, 2013, p. 16-17)

Deste modo, faz-se oportuno citar como exemplo as ideias construídas em entrevista de Freire (2014) e Nogueira (2014) quando o primeiro nos aponta:

Pensemos nos grupos de mulheres com que a Débora está atuando. Nos sábados há reunião desses grupos de mulheres; há um sonho de mudar a vida, existem propostas de fazer isso. É possível que nesse grupo de mulheres não haja relação entre sonhos de mudança (proposta pelo grupo) e modos de mudar a sociedade geral. Quero dizer: há níveis de educação popular. Eu pude ouvir algumas líderes daqueles grupos: elas compreendem a vida como luta pela vida. É uma compreensão experimentada de peleja. Essa compreensão pôs a luta como centro: lutou para crescer, lutou para botar filho crescido... e essas lutas geram sonhos, geram esperanças de um amanhã diferente. (FREIRE; NOGUEIRA, 2014, p. 35-36).

Esse exemplo, reforça a ideia central deste trabalho, pois sinaliza que as demandas das classes populares são solucionadas, quando as mesmas se organizam e fazem ecoar as suas vozes através das ações cotidianas, na busca urgente pela sobrevivência, ou seja, aprendem a lutar por seus direitos básicos e fundamentais.

## 2.CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Como base metodológica utilizamos a pesquisa bibliográfica (ASSIS, 2013), auxiliando, assim, na revisão e exploração acerca do tema aqui proposto. Os dados empíricos foram obtidos nos seguintes acervos digitais: *Google Acadêmico*, *Scielo*, Teses e Dissertações da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Biblioteca Digital da UNICAMP (Universidade Estadual De Campinas), Periódicos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), livros e artigos retirados dos livros que possuam conexão com o tema estudado.

Por meio destes sistemas de informação, enquanto base referencial, trago como aporte teórico, autores e autoras que discutem e problematizam os temas, trazendo alguns descritores para procura, como por exemplo: Educação Popular, Construção Social Coletiva, Escola Viva ,Educação de Jovens e Adultos, Diretrizes de Educação de Jovens e Adultos, buscando alcançar temas que se encaixem com a construção deste trabalho, podendo surgir como um trabalho independente ou que possa ser o início de outros trabalhos.

A seguir elaborei um quadro com a produção científica: artigos, dissertações, teses e livros que serviram como base para este estudo bibliográfico:

Quadro 1: Características dos artigos selecionados pelas bases de dados pelos descritores

(continua)

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Palavras-chave</b>
Assis, M. C.	2013	Livro	Metodologia do Trabalho Científico	Metodologia, Trabalho Científico, Pesquisa Científica, Ciência.
Carillo, A. T.	2013	Artigo	A educação popular como prática política e pedagógica emancipadora	Educação Popular; prática política e pedagógica emancipadora.

Quadro 1: Características dos artigos selecionados pelas bases de dados pelos descritores

(continuação)

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Palavras-chave</b>
Freire, P. Nogueira, A.	2014 13 ed.	Livro	Que fazer: teoria e prática em educação popular	Educação Popular, Educação Popular – Filosofia.
Fávaro, O.	2011	Artigo	Políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil	Políticas Públicas, Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos.
Ferreira, S. F.	2013	TCC	A Escola Estadual Paulo Freire do Assentamento Antônio Conselheiro, uma escola viva em construção.	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Educação do Campo, Escola Viva, Trabalho como princípio Educativo.
Gadotti, M. Romão, J.	2011	Livro	Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta	Alfabetização, Educação de adultos, Educação e Estado, Política e Educação, Professores – Formação profissional.
Souza, J. S. Sales, S. R. (orgs)	2011	Livro	Educação de Jovens e Adultos: políticas e práticas educativas	1. Jovens - Educação. 2. Educação de adultos. 3. Educação - Política governamental 4. Programa de Educação de Jovens e Adultos. 5. Prática de ensino.
Paludo, C.	2015	Artigo	Educação popular como resistência humana	Educação Popular. Refundamentação. Atualidade. Resistência. Emancipação humana
Paulo, F. S.	2013	Dis.	A formação dos (as) Educadores (as) populares a partir da práxis: um estudo de caso da AEPPA	Formação de educadores populares, Movimentos Populares. Educação Popular. Trabalho. Políticas Públicas.

Quadro 1: Características dos artigos selecionados pelas bases de dados pelos descritores

(conclusão)

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Palavras-chave</b>
Pereira, D. Pereira, E.	2010	Artigo	Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível	Educação popular, História da Educação, Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos.
Streck, D. R. Esteban, T.	2013	Livro	Educação popular, História da Educação, Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos.	Cultura, Educação, Educação Popular, Educação Popular - Filosofia, Movimentos sociais, Pedagogia e Políticas educacionais.
Sales, G.	2006	TCC	Educação, Resistência e Identidade Étnico Cultural: A Comunidade Jongo Dito Ribeiro - Campinas - SP	Educação, Identidade Étnico-Cultural. Jongo.
Streck, D. R.	2013	Artigo	Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular	Território; resistência; criatividade; Educação Popular.

Fonte: Autores/as (2021).

No Quadro 2 apresento a síntese que serviu de suporte para categorização dos estudos analisados.

Quadro 2: Categorização dos objetivos e resultados primários dos estudos analisados.

(continua)

<b>Estudo</b>	<b>Categorização dos objetivos</b>	<b>Categorização dos resultados primários</b>
ASSIS (2013)	“a disciplina Metodologia do Trabalho Científico constitui uma iniciação nas práticas de investigação e tem o propósito de discutir conceitos e características da ciência, bem como de familiarizar os alunos com técnicas de estudo e de pesquisa científica.” (p. 2)	“fornecer ao aluno condições para planejamento e operacionalização de projeto de pesquisa e de trabalho monográfico. Para tanto, partimos de uma discussão introdutória sobre a teoria do conhecimento e sobre a natureza, objetivos, concepções metodológicas, tipos e as principais fases de um projeto de pesquisa, a fim de capacitá-lo na redação de textos científicos.” (p. 2)

Quadro 2: Categorização dos objetivos e resultados primários dos estudos analisados.

(continuação)

Estudo	Categorização dos objetivos	Categorização dos resultados primários
CARRILO (2013)	<p>Apresentar os trajetos e consensos da educação popular na América Latina e no mundo, destacando o que é e onde se localiza a EP atualmente.</p> <p>identificando quem são sujeitos da EP e explicitando o que é a dimensão política e pedagógica da EP.</p>	<p>Por último, o autor destaca 9 critérios pedagógicos orientado nas ideias de Paulo Freire, quais sejam: “Curiosidade e epistêmica e atitude problematizadora; Colocar-se criticamente diante do mundo; Pensar considerando opções de transformação; Pensar criticamente implica reconhecer as formas de raciocinar, conhecer e valorar que a impedem; Pensamento crítico, mais do que conteúdos críticos; Pensar criticamente não se esgota no elemento cognitivo; A formação de pensamento e de subjetividade críticos é uma experiência coletiva; Reflexividade e O ser crítico busca uma coerência e pensar e atuar.” (p. 27-30)</p>
FREIRE (2014)	<p>Compreender quais são os caminhos da produção científica a partir dos desafios lançados pelas soluções populares?</p>	<p>“Nossa produção científica se tornará sistemática nas aproximações do real e, nessa sistematicidade, nosso esforço gnoseológico será fertilizado pelas lógicas da luta popular. Agora... como isso se dá no dia a dia da Educação Popular... remeto o(a) leitor(a) para a leitura desse “que fazer””. (p. 22) PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO</p> <p>Por que uma nova edição? com Carlos Rodrigues Brandão</p>
FÁVARO, (2013)	<p>Traçar uma análise histórica das Políticas Públicas na Educação de Jovens e Adultos desde de a abertura democrática em 1988, com a Constituição Federal, contextualizando historicamente esse processo de implementação dessas políticas.</p>	



Quadro 2: Categorização dos objetivos e resultados primários dos estudos analisados.

(continua)

<b>Estudo</b>	<b>Categorização dos objetivos</b>	<b>Categorização dos resultados primários</b>
FERREIRA, (2013)	“analisar e compreender a Escola Estadual Paulo Freire como fruto destas conquistas a partir da concepção de “Escola Ligada a Vida”” (p. 7)	“Diante das questões abordadas neste trabalho, pode-se concluir que a Educação do Campo está sendo construída a partir das lutas do (MST) que continua a enfrentar grandes desafios e dificuldades na implantação deste projeto de vida e dignidade para os povos do campo.” (p. 7)
GADOTTI; ROMÃO (2011)	“Quanto a este livro, a partir da segunda edição, o IPF decidiu incluí-los nesta série, preservando, depois de uma cuidadosa revisão, os textos originais” (p. 16)	“com a inclusão deste volume na série Guia da Escola Cidadã, chamar a atenção para a necessidade de também a Educação de Jovens e em Adultos ser pensada na perspectiva da escola cidadã” (p. 16)
PALUDO, (2015)	“O artigo visa contribuir com o debate hoje instaurado sobre a concepção de Educação Popular na América Latina” (p. 219)	Necessidade de revisão dos fundamentos da Educação Popular. Aprofundamentos coletivos da Educação Popular atrelada aos movimento dos que se organizam nas classes populares, procurando estratégias de resistência e luta e demarcando quais são, como coloca Paludo (2015), a “intencionalidade da Educação Popular” para o atual momento.
PAULO (2013)	“Analisa o trabalho desenvolvido pelos educadores populares de Porto Alegre inseridos nas associações comunitárias de bairro, as quais estão conveniadas com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre” (p. 9)	“Diante os resultados, os sujeitos participantes deste estudo sinalizam para a urgência de uma pedagogia social com ênfase na Educação Popular.” (p. 9)
PEREIRA; PEREIRA (2010)	“Por meio da retrospectiva histórica da Educação popular no Brasil, o presente artigo pretende reafirmar seu papel transformador do contexto de	“reacender a “chama da esperança”, resgatando a participação social das classes populares” (p. 72)

globalização da exclusão” (p. 72)
-----------------------------------

Quadro 2: Categorização dos objetivos e resultados primários dos estudos analisados.

(continua)

<b>Estudo</b>	<b>Categorização dos objetivos</b>	<b>Categorização dos resultados primários</b>
STRECK; ESTEBAN (2013)	fortalecer os estudos no campo da Educação Popular, na América Latina e no mundo.	Para a produção dos artigos que compõem esta publicação, contamos com pesquisadores e pesquisadoras nacionais e internacionais que desenvolvem reconhecido trabalho no campo da educação popular. Muitos poderiam ser agregados, e esperamos que este livro sirva de inspiração para o surgimento de outros trabalhos. Entendemos o livro como o nó de uma rede que está em construção”. (p. 8)
STRECK (2013)	Trabalhar o conceito de território como pressuposto fundamental para a história da Educação Popular	“As recentes discussões sobre paradigmas emancipatórios dar conta da multiplicidade de práticas, buscando enraizamento na realidade de vida das pessoas e na história do povo” (p. 366-367) “E a prática, na educação popular, continua sendo aquela que de um assume a sua não neutralidade em favor da criação de um outro mundo, que tenha lugar para o bem viver de todos.” (p. 367)
SALES (2006)	“destacar a relevância das manifestações da cultura popular como forma de educação” (p. 8) “valorizar o universo popular como campo de conhecimento” (p. 8)	“A dança do jongo e sua prática, como um todo, educa e possibilita aos seus praticantes uma percepção de si e do mundo, socializando conhecimentos e saberes, preservando essa importante manifestação cultural afro-brasileira.” (p. 49)

Fonte: Autores/as (2021).

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO: CATEGORIAS FUNDAMENTAIS

### 3.1 Contexto histórico da Educação popular no Brasil

Traçar uma breve contextualização histórica da Educação Popular (EP) no Brasil é um passo importante neste estudo, para compreender, como as organizações das lutas populares são construídas historicamente no cenário brasileiro desde o final da década de 40 quando se inicia a construção da EP e as primeiras discussões e propostas acerca do tema de modo mais efetivo, com aproximações aos processos de mudança na organização da sociedade capitalista durante o final da segunda metade do século XX, como por exemplo o final da Segunda Guerra Mundial e o novo reordenamento econômico em curso, traçando uma linha histórica, da década de 50 com os movimentos de Educação de Jovens e Adultos, movimento formado para a alfabetização das atividades básicas de ensino: matemática, ciências sociais e naturais, leitura e escrita e aprofundamento ao campo de produção cultural, dando espaço para os acessos culturais básicos, valores atrelados a cada grupo, como afirma Gadotti; Romão (2011):

A educação básica de jovens e adultos é aquela que possibilita ao educando ler, escrever e compreender a língua nacional, o domínio dos símbolos e das operações matemáticas básicas, dos conhecimentos essenciais das ciências sociais e naturais, e o acesso aos meios de produção cultural, entre os quais o lazer, a arte, a comunicação e o esporte (GADOTTI; ROMÃO. 2011, p. 141)

Numa tentativa de criação de espaços escolares formais de educação, com foco na mínima formação destes sujeitos, formação em operações matemática básica e acesso aos meios básicos de lazer, leitura e escrita dando maior abertura para um processo de controle das massas por parte do Estado, movimento que se desestruturou muito mais, anos mais tarde, na década de 90, com o avanço da nova reestruturação no capitalismo e o nascimento do neoliberalismo e dos processos de reorganização da educação.

Destacar essas mudanças na EP no decorrer do século XX, implica, também, dar um destaque especial, nas mudanças dos diferentes contextos históricos durante esse período de aproximadamente 70 anos, como afirma Pereira e Pereira (2010),

a forma como a sociedade capitalista organiza-se hoje é bem diferente do período em que os debates sobre Educação iniciaram-se. O mundo mudou. As formas de controle e de poder mudaram; estão mais complexas e sofisticadas e, portanto, difíceis de ser identificadas por olhos menos

atentos. Nunca foi tão contrastante a distância entre os saberes produzidos pela humanidade e a precariedade da vida. No contexto atual, deparamo-nos com as armadilhas da globalização neoliberal. (PEREIRA; PEREIRA, 2010, p. 73)

Acerca dessas mudanças, cabe ressaltar, os processos de transformação da EP na segunda metade do século XX, acompanhada dos processos de reorganização do sistema capitalista e que, foram e são, cada vez mais, responsáveis pelo abismo social e econômico das condições de vida das populações mais vulneráveis socioeconomicamente. Todavia, nessas modificações estruturais, tanto da EP, quanto do sistema dominante, o capitalismo, cria-se, ainda mais, ferramentas de contraposição ao sistema instituído, o que, em alguma medida, revigora os movimentos populares para ter voz e saber as estratégias para combater tais domínios de poder, através das articulações mundiais, nacionais, estaduais e locais, dentro das (organizações estudantis nas universidades, nas comunidades indígenas e quilombolas, nos movimentos do campo, nas associações de bairro, nos coletivos de mulheres, nos movimentos artísticos e culturais, nas ocupações urbanas e rurais, etc), Deste modo, uma das ferramentas de combate ao sistema já instituído, a EP, auxilia na transformação social e cria caminhos possíveis para a descolonização das mentes e reitera o combate direto com as desigualdades sociais e econômicas criadas pela estrutura de poder hegemônica, neste sentido, cria-se um sentimento de inquietação, luta e esperança frente a todas essas formas de dominação e exploração, como nos coloca Pereira e Pereira (2010):

Temos motivos de sobra para retomar o debate sobre a Educação popular, pois entendemos que este é um território que ainda não foi totalmente colonizado pelo modelo neoliberal. É justamente em uma situação como a que vivemos hoje que o trabalho, em uma perspectiva popular, ganha novas dimensões. A Educação popular apresenta-se como um movimento de resistência, de “descolonização dos horizontes”, como uma possibilidade de “abrir janelas”. (PEREIRA; PEREIRA, 2010, p. 73)

Colocando a EP como esperança de um mundo diferente, não apenas nos “trabalhos com conteúdos escolares” e nas grades curriculares formuladas pelo estado para serem realizadas nos espaços escolares institucionais, mas também, Pereira e Pereira (2010, p. 74) “[...] vai em busca da formação [...] comprometido com as causas de seu tempo, insatisfeito, curioso, sonhador, esperançoso e fundamentalmente transformador”. Numa perspectiva que coloca a esperança como

chave dessas transformações, acelerando a elaboração/construção de novas ideias e espaços que contribuam para o fortalecimento do trabalho político-social.

Pensar a luta das camadas populares, requer pensar, estes locais, como foco da conscientização coletiva e individual, possibilitado nas trocas de experiência entre os sujeitos do grupo e, nessas relações, proximais e fraternais, perpassar pelos caminhos difíceis e necessários desse processo de transformação social. Para tanto, requer também, a construção coletiva dos espaços e das ações projetadas em tal espaço, o que fortalece, de forma significativa, a confiança e o ânimo dos sujeitos que realizam tais movimentos, transitando entre o imobilismo gerado pelas condições de vida e a luta árdua e diária e dando uma trilhada pela esperança de um amanhã diferente, numa perspectiva mais otimista, como um ímpeto que empurra esses movimentos populares na direção das mudanças.

Na década de 50, se aprofundam, cada vez mais no Brasil, as práticas políticas atreladas ao populismo e ao nacionalismo, tendo como foco, na educação, a alfabetização de jovens e adultos, abarcando, assim, alguns anos depois, lá para o início da década de 60, as ideias de Paulo Freire sobre a alfabetização de jovens e adultos direcionada às classes populares, a partir das ideias de Freire na transição da década de 50 para a década de 60, começam a surgir uma efervescência de movimentos sociais, movimentos de base, coletivos, grupos, etc, que passam a responder de forma crítica pela EP, são estes os movimentos que Freire (2013, p. 89) cita: “Educação de Base, Educação de Adultos e Educação Popular [...] Movimentos de Cultura Popular (MCP), Movimentos de Educação de Base (MEB) [...] Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)”, lembrando que, neste período, a presença da igreja nas lutas populares, também teve grande influência através da teologia da libertação, tendo relevância na construção da EP no Brasil.

A partir da década de 60, com o golpe militar de 1964, perdurando até meados da década de 80, mais especificamente até 1985, se instaura, em solo brasileiro e no restante do cone sul do continente latinoamericano, em países como, Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai um dos períodos mais sombrios da história desses países, censura da imprensa e dos meios de comunicação, torturas física e mental, assassinatos, repressão e perseguição política aos movimentos populares, segregação das classes populares ainda mais para as periferias da cidade, como um projeto de “higienização” das camadas sociais mais vulneráveis e como forma de

dominação e controle maior da população. O período ditatorial no Brasil perdurou cerca de 21 anos e deixou marcas profundas na educação, revelando o pleno interesse no processo de modernização econômica e segurança nacional (FREIRE, 2013, p. 92).

Após a década de 80, com o avanço das políticas neoliberais na década de 90, surge um novo debate sobre a Educação Popular no Brasil, Movimentos Populares, educadores/as vinculados a área da educação começam a incentivar a luta por políticas públicas. Partindo do final da década de 80, se dá o início de uma nova configuração da EP no Brasil pós regime militar, advinda das ideias de Paulo Freire, quando assumiu, em 1990, na cidade de São Paulo, a secretaria municipal de educação, criando alguns projetos de sua própria idealização, como por exemplo: o “MOVA” e a “Educação Popular na Escola Cidadã”. (políticas públicas)

Já no século XXI me parece pertinente afirmar que a Educação Popular se caracteriza na luta pela sobrevivência das classes populares, ou seja, passa a ser mais entendida como ferramenta fundamental de garantir as condições mínimas de vida para atendimento de determinadas condições: fome, desemprego, falta de acesso à educação, passagem de ônibus com preços muito acima das condições de vida, pouco acesso aos serviços e saúde, enfim, são inúmeras situações que, necessitam da resistência popular para assegurar sua continuidade por vida digna. Deste modo, surgem projetos que intensificam de modo significativo essa luta, movimento de Cursinhos Populares para preparação das provas de vestibular, como por exemplo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), coletivo de mulheres que desenvolvem ações de solidariedade em comunidades periféricas, organização dos povos originários.

### **3.2 Breve histórico das Políticas Públicas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil na contemporaneidade**

O final da década de 90 é marcado pelo aprofundamento do neoliberalismo no Brasil, e o século XXI intensificam-se as lutas travadas pela sociedade civil em relação a criação de Políticas Públicas que assegurem direitos fundamentais. Fávero (2011, p. 35) entende “[...] políticas públicas como uma junção das iniciativas do Estado ou melhor, da sociedade política com as ações e pressões da sociedade civil

organizada, que se dirigem ao Estado para exigir a garantia de direitos ou implementá-los por meio de outras alternativa”. Através da luta popular, se transforma as demandas da sociedade em direitos concretos e de prosseguir com movimentos que articulam e criam novas ideias e espaços de organização em defesa desses próprios direitos. Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser entendida como um processo de aprendizagem contínua ao longo da vida, que fortaleça a participação dos sujeitos da EJA nos processos de decisão e participação da sociedade, como nos aponta Fávero (2011):

[...] entendendo-a como uma educação continuada ao longo da vida. Em decorrência, a aprendizagem é considerada não só um fator de desenvolvimento pessoal e um direito de cidadania, mas também uma condição de participação dos indivíduos na construção de sociedades mais democráticas. (FÁVERO, 2011, p. 30)

No Brasil, destaco a falta de acesso ao sistema básico de educação principalmente para as populações periféricas e conseqüentemente a falta da alfabetização desses sujeitos, o que aprofunda ainda mais as desigualdades educacionais e nas outras estruturas sociais.

Na década de 90, a Educação de Jovens e Adultos passa por transformações, através da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece no “Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Além das atividades de ensino destinada aos estudantes que não possuem acesso ao sistema escolar, por inúmeras situações, geradas pela desigualdade social aprofundada com o sistema neoliberal, a educação informal da EJA passa a ser considerada como uma das formas de formação mediante avaliação, como destaca o § 2º dessa mesma lei: “[...] os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames” (BRASIL, 1996)..

A EJA passa por processos profundos de transformação no final da década de 90 e a partir da década de 10, já no século XXI, passa a ser ainda mais modificada, com a conquista de alguns direitos fundamentais. Cria-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/CEB 11/2000), que foi um processo fundamental como forma de colocar em pé de

igualdade as disparidades educacionais ao longo da história, que culminou com alguns princípios, o que se propõem, a EJA, nas seguintes funções: reparadora, equalizadora e qualificadora. O texto de Fávaro (2011) ressalta, ainda, que há ainda um papel importante a ser discutido referente a Educação de Jovens e Adultos, a inserção dessa proposta educacional na Educação Popular, fomentando assim, uma maior aproximação com as classes populares e a “dimensão expressamente política de suas ações”. Em 2007, a EJA, é marcada pela criação de um novo projeto, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), criado pelo Ministério da Educação e que, tem como principal objetivo: inserir jovens e adultos ao Ensino Fundamental nas escolas, com o auxílio de dois programas, Programa Nacional de Inclusão de Jovens e Adultos: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (PROJOVEM) e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos.

### **3.3 A Educação Popular como lugar de construção social coletiva**

Compreender os territórios da Educação Popular como espaços de construção social coletiva, emerge, diretamente, da criação de novas formas de organização, novos métodos de organização das ações, as trocas de experiências de vida e de luta entre cada sujeito, no dia das ações, dando vazão cada vez maior na criação de novas narrativas que se coloquem em contraposição as narrativas hegemônicas, novas formas de enxergar o mundo e novas formas de manutenção dessas posturas organizativas que envolvem o campo de disputa da EP no Brasil e na América Latina, como nos aponta Streck (2013):

Os territórios [...] são entendidos como uma construção social, com significados diferentes ao longo da história, e em contextos culturais próprios. Os territórios indígenas e territórios quilombolas, por exemplo, têm uma conotação distinta do território do Estado-nação. No contexto pedagógico, pretende-se enfatizar a criação de espaços com suas fronteiras e suas regras, com os nativos e os estrangeiros e visitantes, eventualmente os que se julgam “donos” e os que buscam o seu espaço. (STRECK, 2013, p. 360).

Daí, surgem, as ações de solidariedade realizadas no espaço cedido na igreja da Capela da Sagrada Família, a partir de ideias e anseios individuais e/ou coletivos, envolvendo as individualidades e coletividades de cada sujeito na construção social coletiva das formas de organização das atividades, desde a criação das artes *online*



(divulgando as ações solidárias, os locais onde acontecem as ações, quem organiza, quais os coletivos, etc), as discussões políticas e atividades culturais e artísticas (através das lives e saraus online), a compra de alimentos (pesquisa dos melhores preços, revezamento na ida ao comércio), digitalizar ofícios (para entrega nos pequenos e grandes comércios da região/pedindo pedindo doação de alimentos e materiais de uso geral), na limpeza/higienização do espaço (local das ações), as atividades de cozinha (limpar o ambiente, enxaguar panelas, talheres, bacias, tábuas de corte; passar um pano nas mesas, descascar os legumes e cortá-los em cubos, separar os alimentos que são para doação e os alimentos que são utilizados na preparação das refeições - sopão, feijoada, arroz, carreteiro, risoto, macarronada, etc -, limpar o espaço após o uso das atividades de cozinha), atividades envolvendo o brechó (separar as roupas que têm condições de serem doadas e as que são descartáveis), organizar um cadastramento das famílias que são atendidas pelas ações (nome, telefone, número de pessoas por família, endereço: bairro e rua onde moram), o processo de fazer o sabão líquido caseiro, (coletar o óleo usado para produção do sabão, garrafa PET para armazenar o sabão). Enfim, todas essas atividades, são pensadas e trabalhadas de modo horizontal e coletivo, possibilitando assim, um maior diálogo entre os sujeitos que organizam tais atividades e a comunidade que recebe tais ações, dando espaço, para que a comunidade possa se auto-organizar dentro de suas condições e favoreça o próprio coletivo, dando espaço para criação de grupos de *WhatsApp*, por exemplo, dando abertura, nesse contexto de pandemia, para que a população participe das atividades de 'troca solidária', fomentando assim, um sentimento de colaboração entre os membros da comunidade que pertencem aquela região e que possuem o conhecimento experimentado de quem são as pessoas que mais necessitam dessas práticas.

Essa construção coletiva, deriva-se, a partir do enfrentamento as dificuldades que vão se colocando no caminho, ou os processos que são mais estruturados, "[...] no campo cultural, social, político e econômico" como aponta Streck (2013, p. 361) ou no caminho mais experimentado de peleja, a sobrevivência, condição determinada por uma série de condições.

#### **4 DESTACANDO O CONTEXTO DAS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE NA CAPELA DA SAGRADA FAMÍLIA DE JAGUARÃO/RS**

Desde o início da pandemia de covid-19 no Brasil, no primeiro semestre de 2020, a partir do dia 10 de junho de 2020, um conjunto de pessoas, da comunidade, pertencentes à região do corredor das tropas, região localizada numa das periferias do município de Jaguarão/RS, juntamente com outros coletivos, a Resistência Popular Estudantil da Fronteira Sul, o Bloco de Lutas pela Educação Pública da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), o Comitê de Mobilização Luta Jaguarão e o Projeto Binacional Uruguai/Brasil Nuestra Utopia (Nossa Utopia) iniciaram a organização das ações de solidariedade: Distribuição de refeição solidária; distribuição de sabão líquido caseiro; distribuição de cestas básicas; brechós solidários (distribuição de roupas); distribuição de brinquedos (em datas específicas, como por exemplo: dia das crianças, natal, páscoa, etc.); pedágios solidário; vaquinhas *online*; trocas solidárias; arrecadação de alimentos e *lives* solidárias.

As ações de solidariedade são organizadas no salão da igreja da Capela da Sagrada Família, sendo o espaço cedido/disponibilizado por membros da igreja católica da região, para que a comunidade, junto aos coletivos, construam tais ações. O referido salão da igreja situa-se na rua Odilo Gonçalves da Silva, n. 2380, no bairro Sagrada Família e atende atualmente um número total de, aproximadamente, entre 80 a 90 famílias, pertencente aos bairros: Boa Esperança, Patacão, Carvalho, Lucas, Branca, Sagrada Família e do Corredor das Tropas. No ano de 2020, as ações foram feitas de 10 de junho até 23 de dezembro, somando um total de aproximadamente 6 meses de mobilização no segundo semestre. Já as ações do ano de 2021 são realizadas desde janeiro de 2021 de forma ininterrupta, todas as quartas-feiras. Atualmente, organizam as ações cerca de 20 pessoas.

Estas ações envolvem: captação de recurso financeiro, através da organização de pedágios solidários, vaquinha virtual; a arrecadação de alimentos não perecíveis nos pequenos e grandes comércios (vendas, mercados, supermercados, atacados, lojas, indústrias/fábricas) e arrecadação de alimentos perecíveis na própria comunidade e/ou trocas solidárias, possibilitando, assim, através dessas ações, a compra e doações de alimentos não perecíveis para a organização das refeições solidárias e montagem das cestas básicas que são distribuídas à comunidade, assim como, auxilia, na compra de produtos e utensílios (bacias, misturadores, soda cáustica, álcool/etanol, água sanitária, luvas de

borracha, etc) para a produção de sabão líquido caseiro que são entregues para as comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica, além, claro, da doação ou compra utensílios de cozinha (gás e fogareiro; luvas de látex e toucas descartáveis; máscaras PFF2, álcool em gel, etc) auxiliando na preparação das refeições solidárias e na prevenção ao covid-19. Contamos também, com as *lives*, que são realizadas através das plataformas digitais como forma de relatar as experiências de organização e mobilização das ações solidárias, divulgação do trabalho e forma de expor e denunciar diversas situações de precarização das condições de vida neste contexto de pandemia do covid-19, como por exemplo: falta de alimentação, saneamento básico (crise sanitária)

Para dar andamento nas ações solidárias: distribuição de cestas básicas, refeições solidárias, sabão líquido caseiro, brinquedos, faz-se necessário, captar recurso financeiro através de algumas ações, tanto de modo virtual quanto de modo presencial, são estas atividades: pedágio solidário, arrecadação de alimento e materiais, saraus e *lives* virtuais e vaquinha virtual.

Os pedágios solidários são ações de rua e, contribuem, diretamente, para captação de recurso financeiro, utilizados para as ações solidárias. Precisa-se, necessariamente, ocupar locais estratégicos de muita circulação de veículos, possibilitando, assim, tal captação. Estes espaços, são localizados na Rua Uruguai (próximo a entrada da Ponte Internacional Barão de Mauá) e/ou na sinaleira da cidade (entre as ruas 27 de Janeiro e Odilo Gonçalves da Silva). Para realização do pedágio, geralmente se conta com a presença de um grupo de pessoas que se colocam à disposição para a organização e participação da atividade, levando sabão líquido caseiro (distribuído aos carros que ajudam doando qualquer quantia em dinheiro) e faixas/cartazes com dizeres que relatam quais são o destino do dinheiro e quais ações são feitas na CSF denunciando, também, a precarização das condições de vida da comunidade e a falta de alimentação.

Já as ações de arrecadação de alimentos não perecíveis e materiais (de uso geral para as ações) pode ocorrer em diferentes espaços e de distintas formas. Podendo ocorrer, tanto na rua, coletando os alimentos doados nos pequenos e grandes comércios (vendas, lojas, supermercados, minimercados, mercados, armazéns, postos de gasolina, fábricas, indústrias, etc) e faz parte de uma ação que também conta com a presença de um grupo de pessoas que organizam e participam

de tal atividade. Além das arrecadações coletadas no comércio, ocorre a doação de alimentos e materiais por parte da própria comunidade jaguareense. Tais doações, só são feitas, para ajudar a manter as ações, a partir da divulgação de artes nas redes sociais para informar a população o que se precisa para realizar as atividades, informando número de telefones para contato (de alguma organizadora) e/ou através divulgação das ações nos programas de rádio e na ida as rádios locais

Devido a pandemia, uma das formas de divulgar e captar recurso financeiro para continuar dando sequência nas ações solidárias, são os *saraus* e *lives* solidários, organizados, de forma virtual, através das plataformas digitais e redes sociais com acesso por aparelhos eletrônicos (celulares, computadores/*notebooks*, *tablets*, etc.). Tem como características: divulgar as ações solidárias (onde acontece, que ações são feitas, quem organiza) denúncia da precariedade das condições de vida da comunidade (falta de alimentação, moradia em péssimas condições, dificuldade no acesso ao serviço básico de saúde, saneamento básico escasso e outras situações que são alarmante para as condições de vida melhores da população). Estes *saraus* e estas *lives* também são necessárias para a arrecadação de alimentos e doação financeira através da ferramenta PIX, podendo ser feita a transferência de qualquer quantia em dinheiro de modo totalmente virtual. Como parte cultural e artística, o *sarau*, também conta com a presença artistas convidados que se apresentam no espaço virtual.

Uma das ações realizadas para obter recurso financeiro de forma mais segura, principalmente durante um período pandêmico, enfrentado desde o início de 2020, foi a *vaquinha online*, ferramenta utilizada de modo totalmente virtual através de *sites* específicos que ajudam a conseguir qualquer quantia em dinheiro, de acordo com a meta de captação, ou seja, quanto pretende se alcançar com esse instrumento, exemplo: até R\$ 200,00, até R\$ 500,00, até R\$ 1000,00 ou até mesmo, valores maiores. Ao alcançar a meta, o grupo utiliza-se de uma conta bancária para poder realizar a transferência do dinheiro da *vaquinha* para a conta bancária informada, todavia, é sempre importante lembrar que, do total do dinheiro doado, uma porcentagem desse dinheiro fica como pagamento ao *site* utilizado.

Uma das ações solidárias para coleta de alimentos não perecíveis doados pela comunidade são as caixas solidárias, colocadas nos pequenos e grandes comércios, arrecadando o máximo de alimento que conseguirmos.

Após a captação de recurso financeiro e de recurso material, damos início a organização das atividades práticas: refeição solidária, preparo e distribuição do sabão líquido caseiro, distribuição de cestas básicas, distribuição de roupas e brinquedos, além de outras atividades práticas que vão surgindo no processo de mobilização.

As refeições solidárias ocorrem todas às quartas-feiras, no bairro Sagrada Família e tem como objetivo, garantir, minimamente, o direito à alimentação dos moradores/as da região. Geralmente, se juntam às ações, um grupo de pessoas, pertencentes a comunidade e aos coletivos. A organização ocorre a partir de muitas mãos que se somam para o trabalho coletivo, são estes trabalhos: limpeza dos utensílios de cozinha, limpeza do espaço da cozinha, preparo dos alimentos e cadastro dos/as sujeitos que recebem a alimentação.

Faço um destaque, para o preparo do sabão líquido caseiro e os produtos necessários para sua produção: soda cáustica, álcool/etanol, água sanitária, óleo (usado) e água, além dos materiais, como: bacia, luvas de borracha (para segurança), máscara e 1 funil para despejar o sabão dentro das garrafas pet.

Modo de Preparo do sabão: adicione 1 litro de água numa bacia pequena e adicione 1 kg de soda, fazendo com que a soda se dilua na água, aguardando por pelo menos, 5 minutos. Após diluir a soda na água, acrescente 3 litros de óleo (usado) com a água e a soda e comece a misturar. Continue mexendo os produtos e repasse para uma bacia maior (de 80 a 100 litros), acrescente, após despejo na bacia maior, o álcool/etanol e a água sanitária. Continue a mexer até engrossar a mistura. Logo depois de engrossar tal mistura, comece a colocar água fervendo para diluir o sabão e deixá-lo em estado líquido.

Ao fim do preparo, despeje o sabão em garrafas PET e reserve para a distribuição. As distribuições de sabão acontecem junto às outras ações de solidariedade, como por exemplo: distribuição de cestas básicas, pedágios solidários, trocas solidárias, etc.

Nas ações de distribuição de alimentos, antes, precisa-se, pesquisar nos comércios, os melhores preços dos alimentos básicos (arroz, feijão, macarrão, farinha de trigo, leite, molho de tomate, açúcar, sal, óleo) para a montagem das cestas básicas. Coletando os alimentos, são elaborados vários *kits* de alimentos para cada família que já tenha sido cadastrada nas outras ações solidárias,

auxiliando no processo, sabendo quantas pessoas tem da família, se possui crianças, onde mora (bairro e rua). Ao montar os *kits*, decidimos um ponto de entrega das cestas para retirada.

Para os dias da refeição solidária, organiza-se também, a distribuição de roupas através do Brechó solidário, o grupo de pessoas ali presente, nas ações, posicionam mesas de plástico no espaço externo do salão da CSF e colocam as roupas em cima para que a população escolha as peças de roupa que querem levar. Antes da distribuição, porém, ocorre a seleção das roupas que servem ou não para doação, exemplo: roupas rasgadas e sujas são destacadas ou roupas mais novas, em excelentes condições, são utilizadas para as trocas solidárias.

Além das ações supramencionadas, existem outras atividades que são consideradas específicas, pelas datas que são realizadas, destaco as ações solidárias no dia das crianças tanto na região do corredor das tropas, no salão da Capela da Sagrada Família, no dia 14 de outubro, numa quarta-feira e para o natal, dia 23 de dezembro do mesmo ano, também numa quarta-feira e, por último, fazer um apontamento da ação de dia das crianças realizado no Bairro Vila Kennedy, próximo a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) que se localiza em outra região periférica de Jaguarão/RS. A primeira ação, de forma respectiva, foi realizada com distribuição de brinquedos, doces, refeição solidária, livros infantis e sabão líquido caseiro, já a segunda, foi marcada pela distribuição de brinquedos, doces, livros infantis, sabão, máscara, refeição solidária e por fim, a última, foi organizada em outra comunidade periférica, com distribuição de brinquedos, cachorro-quente, doces e cestas básicas, distribuídas para as comunidades da: Vila Kennedy, Germano, Indisnópolis I e II, Mutirão I, II e III e do Cerro da Pólvora.

#### **4.1 Os coletivos que fizeram parte da organização desde o início das ações solidárias**

Desde o início da organização e mobilização ao entorno das ações de solidariedade, fizeram parte da construção e organização das atividades: o Bloco de Lutas pela Educação Pública da UNIPAMPA, o Comitê de Mibilização Luta Jaguarão, A Resistência Popular da Fronteira Sul, o Projeto Binacional Uruguai/Brasil - Nossa Utopia (Nuestra Utopia), O Ilê Axê Mãe Nice de Xango, O Bloco do Batata, O Grêmio Estudantil CRESCER em busca da força estudantil! do

Instituto Federal Sulriograndense de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Avançado Jaguarão, entre outros apoiadores da comunidade que o coletivo das ações recebe.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após discussão teórica acerca das temáticas recém-expostas e das análises realizadas nos documentos oficiais, nas ações desenvolvidas na Capela da Sagrada Família de Jaguarão/RS, e com a visão de estudiosos do tema, podemos anunciar que a Educação Popular é um movimento da escola viva, que pulsa saberes e os coloca na condição de resistência sobre a realidade que está colocada e formas de modificação essa realidade, na luta cotidiana. Trago à baila também, as experiências de educação da Escola Paulo Freire, escola localizada no campo e que vem durante um bom tempo trabalhando na perspectiva da escola viva, como nos coloca Ferreira (2013):

A Escola Paulo Freire carrega no seu bojo, características de uma escola viva, pois nasce da luta dos trabalhadores/as tendo como principal objetivo formar sujeitos críticos, humanos. Que visem à transformação da sociedade e que sejam capazes de intervir na realidade atual. (FERREIRA, 2013, p. 9)

Desta forma, cabe, a esses sujeitos, tomar o papel de protagonista na compreensão de sua própria realidade e em sua transformação, ganhando força para intervir e resistir em seu próprio território, como nos aponta Ferreira (2013, p. 11): “Nessa sociedade que vivemos no palco da vida somos grandes protagonistas e nós não percebemos o valor que cada sujeito tem, vários tipos de letramentos que são vivenciados e compartilhados através dos saberes”. Nos espaços de organização e mobilização popular, percebe-se uma troca de experiências que deve ser considerada saudável do ponto de vista do diálogo e da construção social coletiva, gerando assim, aspectos importantes para as relações que ocorrem nesses locais, coletividade, horizontalidade, autogestão, ação direta, autonomia, entre outros que vão surgindo no decorrer da caminhada.

Como potencial transformador, a EP desempenha um importante destaque nesse caminho vivo de educação, tecendo novas possibilidades acerca do mundo, entre a realidade concreta e a esperança de um amanhã diferente, como aponta de Paludo (2015):

O “Movimento de Educação Popular” se fez no interior desse processo, na direção da construção de fazer do povo expressão política de si mesmo, por meio de organizações populares autônomas, imbuídas do desejo de construir o “poder popular”. Enquanto Movimento, a Educação Popular cumpriu um forte papel de ação cultural ao interior do campo e para além dele, constituindo-se em mediação entre a realidade objetiva e o projeto de futuro em construção. (PALUDO, 2015, p. 226).

Destacamos que este estudo teve dois pilares fundamentais: a construção coletiva que emerge das experiências organizacionais das ações de solidariedade da Capela da Sagrada Família no município de Jaguarão/RS, e dar visibilidade a essas ações que são construções coletivas embasadas na Educação Popular, destacamos que, a concretização desses conceitos neste momento de pandemia são pautas essenciais para a sobrevivência humana.

Espera-se ter contribuído, com este estudo, para a análise do contexto da Educação Popular Jaguarense em tempos de covid-19 e destacar que este documento busca contribuir como base para lutadoras e lutadores que expressam em suas ações, um amanhã diferente fundamentados na escola viva.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. C. de. **Metodologia do trabalho científico**. [S. l.]: Faculdade do Sertão, 2013.

BRASIL. **Lei n. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

CARRILLO, A. T. A Educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. *In: Educação popular: lugar de construção social coletiva*. STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2013.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática, proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

STRECK, D. R.; ESTEBAN, T. **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FÁVARO, O. Políticas públicas de educação de jovens e adultos. *In: SOUZA, J. dos S.; SALES, S. R. Educação de jovens e adultos: políticas e práticas*. Rio de Janeiro: NAU Editora/ EDUR, 2011.

FERREIRA, S. F. **A Escola Estadual Paulo Freire do Assentamento Antônio Conselheiro: uma escola viva em construção**. 2013. 62f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília, Planaltina, 2013.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 13.



ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PALUDO, C. Educação popular como resistência humana. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago., 2015.

RIBEIRO, M. Educação popular: um projeto coletivo dos movimentos sociais populares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 41-67, jan/jun, 2008.

SALES, G. A. **Educação, resistência e identidade étnico-cultural**: a comunidade Jongo Dito Ribeiro - Campinas-SP. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SANTOS, K.; DOS SANTOS PAULO, F. (Des)encontros entre a educação popular e a pedagogia social. **Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 2, 2017.

STRECK, D. R. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular. *In*: STRECK, D. R.; ESTEBAN, T. **Educação popular**: lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

STRECK, D. R.; ESTEBAN, T. **Educação popular**: lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.